

Sarney avisa: não baixa pacote, nem admite sair

“O presidente José Sarney não aceita qualquer tipo de pressão para deixar o Governo antes do término de seu mandato, seja do seu sucessor, seja de políticos, seja de sua família, porque entende que isso seria um casuísmo que contraria a Constituição”. Quem garante é o secretário particular do Presidente, Augusto Marzagão, desmentindo categoricamente os rumores que circularam nos últimos dias de que, em face de fortes pressões — inclusive de sua família — estaria disposto a renunciar. Ele negou especialmente que o Presidente admita baixar um novo pacote econômico antes do fim de seu mandato.

Outro ponto sobre o qual Sarney não aceita sequer conversar é o parlamentarismo. Segundo Marzagão, o Presidente tem dito, reiteradas vezes, que “o parlamentarismo é um assunto a ser discutido pelo futuro Congresso Nacional, que tem poderes revisionistas. E, mesmo assim, uma mudança no sistema de Governo terá, necessariamente, que ser submetida a um plebiscito, através do qual o povo brasileiro expresse sua vontade”.

O secretário disse que Sarney está disposto a, imediatamente após a proclamação do seu sucessor, “abrir todas as portas de seu Governo aos assessores do futuro presidente, para que tenham condições de elaborar seu programa de

governo a partir de dados reais.

APURAÇÃO

Durante todo o dia de ontem, o Presidente manteve-se informado sobre a marcha da apuração, pelo ministro-chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, bem como amigos e políticos que lhe telefonaram a toda a hora, de todos os pontos do País. Sarney está tranquilo e sente-se realizado, disse o porta-voz, Carlos Henrique Almeida Santos, pela forma democrática e sem incidentes como a eleição transcorreu.

Se o segundo colocado for o candidato do PDT, Leonel Brizola, a opinião da assessoria política de Sarney é que o segundo turno será uma disputa mais tranquila e ambos têm chances de vitória. Mas se Collor disputar com o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, a expectativa do Governo é que a disputa poderá levar a um radicalismo de ambas as partes. Neste caso, segundo os assessores, o mais provável é que Collor consiga unir a direita e saia vencedor.

Isso só não ocorrerá, segundo os analistas palacianos, se Lula “baixar a bola”, conseguir tranquilizar a classe média e os pequenos produtores. Há ainda um temor de que os “xiitas” da Frente Brasil Popular inviabilizem qualquer chance Lula derrotar o candidato do PRN.

CARLOS SILVA/SÃO PAULO



Lula não quer um “saco de gatos” no seu partido, mas abre a possibilidade de negociações sem perder autenticidade